

O Sufismo e a Ênfase no Tempo Presente

*Vitoria Peres de Oliveira**

Sinopse

Este artigo discute a questão da ênfase no tempo presente dentro do sufismo, enquanto via esotérica. Recorrendo às categorias “esoterismo” e “exoterismo”, sugere que a primeira está sempre mais relacionada a uma experiência no presente, sem se preocupar demasiadamente com expectativas numa vida futura. Como material de discussão, utiliza trechos de autores clássicos do sufismo entremesclados com depoimentos de membros de um grupo sufi atual. Conclui que esta ênfase no tempo presente, enquanto marca religiosa deste fim de milênio, se daria por uma influência na atualidade do esoterismo que se deslocou e espalhou pela sociedade, deixando de estar restrito a grupos seletos e ocultos.

Palavras-chave: Sufismo; Tempo Presente; Esoterismo.

Abstract

This article discusses the issue of the emphasis on the present time inside Sufism as an esoteric way. Resorting to the categories “esoteric” and “exoteric”, it suggests that the first is normally more related to an experience in the present, without making too much room for the concern with expectations of a life to come. As materials for discussion, the article reviews passages of classic Sufi masters entwined with statements by members of a current

* Mestre em Antropologia pela UNICAMP e Doutora em Ciência da Informação pela UFRJ; pesquisadora do NEPREL e professora visitante no Programa de Pós-Graduação em Ciência da Religião (PPCIR-UFJF).

Sufi group. It concludes that this emphasis on the present as a religious mark at this end of the millennium could be due to the current influence of the esoteric, that has moved and spread around society.

Key-words: Sufism; Present Time; Esoterism.

Introdução

Seria o tempo presente a marca religiosa do fim do milênio?¹ Ao colocar-me esta pergunta pensando no meu objeto de estudo, senti a necessidade de propor uma distinção inicial, lançando mão de categorias conhecidas para separar tipos diferentes de fenômenos religiosos.

A distinção que penso ser necessária é aquela entre o esoterismo e o exoterismo, entre uma via mística e uma religião. Essas categorias pensam o tempo de forma diferente? Creio que sim, e, referindo-me mais especificamente às vias esotéricas, entendo que a ênfase no tempo presente não é uma marca deste final de milênio, mas uma constante ao longo da sua história.

Como diz Rumi, poeta sufi do século XIII:

Alimenta-me, pois estou faminto,
E depressa, pois “o tempo é uma espada afiada”.
Ó companheiro, o sufi é “o filho do momento”.
Não é regra do seu cânone dizer “amanhã”.
Será possível que não sejas um verdadeiro sufi?
Dinheiro vivo se perde ao se dar crédito.²

Responder, portanto, à questão da ênfase no tempo presente desde dentro do âmbito do esoterismo vai levar a caminhos diferentes do que se ela fosse respondida a partir de outra categoria mais exotérica, como uma religião.

¹ Este artigo foi apresentado no Grupo de Trabalho “Religião e Sociedade” da XXIV Reunião Anual da ANPOCS (out. 2000). O tema do GT era “A ênfase no tempo presente seria a marca religiosa do fim do milênio?”

² J. RUMI, *Masnavi*, p. 22. [Para referências bibliográficas completas deste e dos demais títulos citados, cf. as *Referências Bibliográficas* no final do artigo.]

Um sufi é um “filho do momento”. No sufismo, a ênfase no tempo presente não está relacionada ao fim do milênio. Sugiro que as vias esotéricas, em sua maioria, reforçam essa idéia de viver no aqui e agora, no presente. É parte de sua proposta esta experiência direta e, tanto quanto possível, imediata. Apesar de várias vias místicas falarem em uma preparação, e concordarem em que esta preparação leva tempo e implica em uma espera, a experiência mística, o encontro com o Sagrado (em qualquer de suas formas), é uma realidade possível de se dar no presente, e a luta do místico é para atingi-la em vida, em cada momento, no seu presente.

A via esotérica, portanto, traria esta dupla possibilidade: a transformação do sujeito para ser capaz de experimentar o sagrado e o êxtase vivido no presente deste indivíduo transformado. O místico não abriga expectativas milenaristas, não se dirige ao futuro, ele quer se transformar no presente e viver o êxtase do sagrado nele. Ele não tem uma preocupação em transformar o presente, mas, como disse e vou repetir, em “se transformar no presente” para viver o sagrado de uma forma plena nele.

Como isto se dá num grupo esotérico específico, como é vivida pelos seus membros esta ênfase no presente e, ao mesmo tempo, esta preparação para um presente ainda muitas vezes distante, é o que vou apresentar nesta mesa.

1 Um Grupo Sufi e a Ênfase no Presente

Ao estudar o grupo sufi, optei por descrever o ideário do grupo, ou seja as idéias centrais que juntas se mesclavam em uma forma de perceber e pensar o mundo. Minha opção se deveu principalmente ao fato de constatar que os membros enfatizavam no seu grupo exatamente isto, ou seja, uma maneira de olhar e perceber o mundo. Esta maneira de perceber o mundo era, para eles, o que mais os distinguia e o que os tornava peculiares. Foi descrevendo como era este olhar, e relacionando-o com os outros aspectos mais externos do grupo, que me pareceu ser o caminho para realizar a etnografia daquele grupo.

Nesta apresentação não me vou ater a uma descrição detalhada do ideário do grupo, ou do grupo em si; o tempo não seria suficiente, e não é este o objetivo aqui. Falarei das idéias relacionadas a esta ênfase no tempo presente, ou que conduzem e preparam para este presente nesta via esotérica.

2 Unidade

Nem deste mundo, nem do próximo,
nem do céu, nem do purgatório.
Meu lugar é o não-lugar,
Meu passo é o não passo.

Não sou corpo, não sou alma.
A alma do Amado possui o que é meu.
Deixei de lado a dualidade,
Vejo os mundos num só.

Procuro o Um, conheço o Um,
Vejo o Um, invoco o Um.
Ele é o Primeiro e o Último,
O exterior e o interior.
- Nada existe senão Ele.³

Um buscador quer viver esta unidade, conhecer esta unidade. “Meu passo é o não passo”; para ele, paradoxalmente, não há porque caminhar, basta estar aqui, na experiência do Um. Uma escola esotérica sufi - e o grupo sufi estudado se entende e se insere neste contexto - tem a unidade do ser humano com Deus como sua meta. Esta união é um retorno, um retorno de uma centelha luminosa à sua origem. A alma humana é entendida como parte da essência Divina. É parte desta multiplicidade que vela a Unidade. Este conceito é fundante no Sufismo, a Unidade, o *Tawhid*.

Um membro do grupo, segundo me explicou um informante, procura compreender de início o conceito, e as leituras do material enfatizam que não basta compreender intelectualmente

³ RUMI, *Poemas Místicos : Divan de Shams de Tabriz*, p. 84, 85.

o termo “unidade”, mas sim viver esta unidade, viver tudo que esta compreensão implica.

Como diz o poeta Rumi:

Desejas ser incluído entre os Senhores da Visão?
Da fala então passa para a experiência.
Dizer “Unidade” não te torna um monoteísta;
A boca não se torna doce com a palavra “Açúcar”.

É uma ênfase, poderíamos dizer, em pequenas vivências no presente, que vão se somando para alcançar a meta. Nas palavras de um informante:

Como outros conceitos do sufismo, é se vivendo no grupo e aplicando as técnicas que se vai compreendendo. Primeiro se aprende o que não é. Não é, por exemplo, estar todos juntos o tempo todo, ou pensar da mesma forma, ou ter os mesmos comportamentos e atitudes. É, por exemplo, em um nível, ter uma intenção comum, ter um objetivo comum. Isso implica em ir além das diferenças de personalidade, fazer contato em um nível mais sutil. Entender, por exemplo, que somos, no grupo, todos buscadores, apesar de nossas diferenças. Em um nível individual também são várias etapas, e a unidade com o Um, o Todo, o Criador, ou, como se queira chamar, é a meta final.

Dentro da escola, portanto, um buscador vai vivendo o presente. Ele não espera viver a unidade em sua acepção mais completa e absoluta, ele vai vivendo no presente diferentes níveis de compreensão da unidade. Os conceitos vão se entrelaçando, como por exemplo, quando falam em desapego e vão se ampliando entre si.

3 Desapego

O desapego no caminho interior sufi é também fundamental, pois afinal o desapego leva à unidade. “Estar no mundo sem ser do mundo” é uma máxima sufi, que expressa essa idéia de desapego. Esta frase, segundo um mestre sufi, significa uma intensa forma de disciplina mental, um “enfocar da mente”. O buscador não sai do mundo, é dentro do mundo que ele vive,

e a forma como vive no mundo é que o diferencia, a diferença é, portanto, interna. O membro do grupo, através do convívio com os outros membros e da literatura, é instigado a se desapegar, a não se identificar com nada. Aprende que o sofrimento e a separação advêm da identificação do ego com o mundo. Como me explicaram dois informantes, um dizendo:

Eu estou no mundo, seria no sentido que eu participo de uma condição física carnal, animal, com certas condições sociais, culturais, num determinado tempo, entre determinadas pessoas. Isso é uma realidade inegável. E não sou do mundo, na medida em que existe a possibilidade de transcender todas essas limitações materiais, físicas, sociais, culturais, sem negar o estar no mundo. Inclusive o estar no mundo por definição é pré-requisito para que possa ser transcendido.

E o outro falando-me:

É o aprender a se distanciar (por momentos curtos ou longos, não importa a quantidade, mas a qualidade) do que se está vivendo, para poder perceber melhor; é o aprender a não se apegar a nada; a não se identificar com nada, aprender que a vida é um fluxo, que tudo passa, e que ao se apegar às coisas, pessoas, ou situações se impõe uma imobilidade que nos trava e nos impede de aprender e de viver a vida como ela é - em movimento.

Esta característica do sufismo o distingue de outras escolas místicas, já que não há celibato ou mosteiro na via sufi. O aprendiz, se é que em algum momento se afasta do mundo, sempre o faz de uma forma temporária, levando uma vida normal segundo a sociedade em que vive. O mestre normalmente é casado, tem filhos, tem profissão. A negação do mundo se dá de uma outra forma, uma forma interna.

Poder-se-ia aqui argumentar que o buscador é levado a viver o tempo presente, mas de uma forma ausente; entretanto, para um místico esta ausência tem um significado diferente, é uma ausência do que eles chamariam de ilusório, mundano, para poder estar presente e participante no êxtase divino, no verdadeiro presente absoluto. É vivendo esse alheamento e alternando-o com a identificação necessária à vida cotidiana que o sufi, segundo dizem os mestres, se torna livre.

No caminho sufi, o buscador é incentivado a viver no presente, mas a entender este presente como fluxo, como algo impermanente. Um informante, ao me falar sobre esta temática, me contou uma história, que depois ouvi de outros, e que é muito conhecida entre eles. É uma história que, creio eu, deixa claro como viver o momento de uma forma desapegada:

Um rei pediu, a um sábio de sua corte, uma frase que ele pudesse escrever em um anel e que pudesse lhe ser útil e lhe ajudar nos momentos bons e nos momentos ruins da vida. O sábio escreveu a seguinte frase: “Isto também passará.”

Parte do treinamento em uma escola esotérica visa a tornar o buscador livre. Livre de apegos, para que possa estar plenamente no presente e, transformado, ser capaz de mergulhar no absoluto em vida. Como diz um dos livros estudados pelo grupo:

Há varias formas de despertar. Um homem pode estar adormecido, mas deve despertar corretamente. E é necessário que quando desperte tenha também os meios para aproveitar seu novo estado. É uma preparação para isto, bem como uma preparação para o despertar, o que constitui nosso atual empreendimento.⁴

Esta preparação para o despertar e esta idéia de que o ser humano comum está dormindo é muito explorada no sufismo. Os mestres atuais, e os do passado, falam sobre o condicionamento e a mecanicidade que afastam o buscador do momento presente. É o esforço de romper estas amarras que é constantemente explicado e enfatizado. Ou mesmo dito em poemas por mestres do passado que foram poetas, como Attar, mestre e poeta sufi, do século XII:

Si tu ojo está abierto mira el mar
pero no es mar el mundo, el mundo es la espuma del mar
Piensa que todo es ilusión el mundo
Esa ilusión no contemples desde ahora
Preso estás de locura o has perdido el juicio
Para haberte dormido con semejante ensueño (...)⁵

4 TEXTOS Sufis, p. 25.

5 F. ATTAR, *El libro de los secretos*, p. 43.

O condicionamento é associado ao prêmio e ao castigo, técnicas utilizadas para implantá-lo no ser humano. O castigo e a recompensa são vistos, portanto, como dois lados da mesma moeda, o condicionamento. O buscador, no caminho, deve procurar outras formas de atuar, outros motivos para suas ações. Fala-se, na literatura, de uma atitude superior do ser humano que ultrapassou este nível. Um dos exemplos conhecidos é o da mística sufi Rabi'ah al-Adauya que viveu no século VIII e que dizia:

Oh Deus, se Te venero por medo do Inferno, queima-me nele, e se Te venero esperando o Paraíso exclua-me dele; mas se Te venero por Ti mesmo, não me negues Tua eterna beleza.⁶

O buscador, num caminho místico, tem sua recompensa em contemplar a beleza Divina; sua contemplação situa-se no presente e não está ligada a prêmios ou castigos futuros. As vias místicas se referem sempre a esta recompensa vivida pelo místico, uma ênfase numa experiência em vida, e não numa promessa a ser cumprida após a morte.

4 A Auto-Observação e a Memória

Para o membro do grupo, um dos meios para viabilizar esta mudança em si mesmo é a auto-observação. Como diz o livro básico de leitura dos membros do grupo, “a observação de si mesmo e o ‘trabalho sobre si’ são absolutamente essenciais.”⁷

Esta observação de si mesmo é vista como o meio de ultrapassar e romper o seu condicionamento, a sua mecanicidade, este estado hipnótico que o prende a uma visão determinada de mundo.

Como deve se dar esta observação é explicitado nos vários textos e nas falas do mestre que seguem. Não é para que o sujeito se auto-acuse, ou se autocondene, mas para que ele se

⁶ Apud ATTAR, *El Memorial de los santos*, p. 72.

⁷ TEXTOS Sufis, p. 25.

compreenda, aprenda sobre si mesmo. Não é para que estabeleça uma sentença inexorável ou sentimentos de culpa, mas é para que, ao se perceber, ao olhar para si mesmo, o sujeito se distancie, sendo, portanto, capaz de se desapegar do que vê. É este desapego que permitirá a mudança (se for necessária), e que ampliará a visão que ele tem dele mesmo. A observação é para o buscador se conhecer e ao se conhecer ser transformado por este conhecimento.

A observação também não está atrelada a mudanças forçadas ou imitativas para um padrão ideal. O sufismo afirma que é inútil imitar o que se pensa ser uma virtude. Um mestre sufi diz a este respeito: “Copiar a virtude de outro é mais cópia do que virtude. Tente aprender em que a virtude está baseada.”⁸

A observação está dirigida para um sentido mais profundo, para uma verdadeira realização do buscador. Al-Ghazali, mestre sufi do século XI, diz a este respeito:

Porque o verdadeiro conhecimento de si consiste nisto: o que és tu em ti mesmo, e de onde vieste?; aonde vais, e com qual finalidade vieste a este mundo durante um espaço de tempo, e em que consiste tua verdadeira felicidade e a tua miséria?⁹

Ela se dá em cada momento, ampliando a consciência que cada um tem de si mesmo, e é através desta consciência ampliada que se dá o encontro com o Divino, a realização da meta. Os caminhos esotéricos se referem a isto dizendo: “Conhece-te a ti mesmo e conhecerás teu Senhor.”

A observação de si, no caminho sufi, também está ligada à memória. A memória entendida em vários sentidos. A memória como recordação do que se foi aprendendo sobre si, para que se tenha sempre presente quem se é. A memória como lembrança de algo que o buscador esqueceu, mas que está presente no interior profundo de cada um, enquanto criatura, e que pode ser resgatado, a ligação com Deus.

No primeiro sentido mencionado acima, o indivíduo é incentivado a lembrar-se de contar a si mesmo a sua própria

8 I. SHAH *Learning How to Learn*, p. 91.

9 AL-GHAZALI, *A alquimia da felicidade*, p. 17.

história, como recurso para ter presente quem ele é. No grupo sufi estudado, eles contam, toda quinta-feira, uma história onde o personagem, um lenhador, conta a própria história a si mesmo. Como diz a história:

(...) O lenhador levantou-se e caminhou na direção de onde vinha a voz. Andou, andou e andou, mas não encontrou nada. Então sentiu mais cansaço, frio e fome do que antes e, além do mais, estava perdido. Tivera muitas esperanças, mas isso não parecia tê-lo ajudado. Ficou triste, com vontade de chorar, mas percebeu que chorar também não o ajudaria. Assim, deitou-se e adormeceu. Logo depois acordou novamente. Sentia frio e fome demais para dormir. Foi então que lhe ocorreu narrar a si mesmo, como se fosse um conto, tudo o que tinha acontecido desde que a filha lhe pedira um tipo de comida diferente. Mal terminou sua história, pareceu-lhe ouvir outra voz, vinda de algum lugar no alto, como se saísse do amanhecer, que dizia:
- Velho homem, que fazes sentado aí?
- Estou me contando minha própria história - respondeu o lenhador.¹⁰

É contando a si mesmo a própria história que se pode aprender sobre si próprio; a esperança aqui não parece ajudar muito, não é esperando algo no futuro, mas fazendo algo no presente, que o buscador trilha o caminho. Lembrar-se, contar-se a própria história é o que se deve fazer, mas apesar de constantemente repetido de diversas formas é muito esquecido, como dizem eles, não só pelos membros do grupo na sua prática, mas mesmo pelo lenhador da história que em outro momento, em que deveria recordar-se, esquece. E a história diz: "(...) mas chegou a quinta-feira seguinte e, como é comum entre os homens, o lenhador se esqueceu de contar a história de Mushkil Gusha(...)."¹¹

Os membros do grupo trabalham, cada um por sua própria conta, nesta auto-observação de si mesmos. Não há reuniões onde partilhem este tipo de experiências. Neste sentido, o caminho sufi é um caminho interior, uma caminhada solitária com um grupo. Foi este caráter introspectivo que procurei explorar ao inventariar os temas e idéias recorrentes entre os membros do grupo e na literatura.

¹⁰ SUFISMO no Ocidente, p. 13.

¹¹ Ibid., p. 15.

O segundo sentido de recordar, que mencionei acima, é exercitado pelo grupo através de zikrs, ou dhikrs, palavra que também quer dizer lembrança ou evocação. Os zikrs são atributos divinos que, repetidos internamente, ajudam ao buscador a ter presente Deus, ou o sagrado em seu coração.

Há um poema de um antigo mestre sufi, que está no livro de exercícios do grupo, que explica bem o que querem dizer com memória e estar presente:

Sê presente em cada alento.
Não deixe que tua atenção vagueie
nem o tempo de um só alento.
Recorda-te sempre e em cada momento
Viajas até tua Pátria.
Lembra-te que estás viajando do mundo
das aparências até o mundo da Realidade.
Solidão em meio a multidão.
Permanece livre interiormente
Em todas as tuas atividades exteriores.
Aprende a não te identificar com nada.
Recorda a teu Amigo (Allah).
Que a invocação (Dhikr) de tua língua
Seja a invocação do teu coração (Qalb).
Sê consciente constantemente da qualidade da Presença Divina.
Acostuma-te a reconhecer a Presença de Deus (Allah)
Em teu coração.

Neste poema, que de alguma forma é uma síntese do caminho místico, há uma ênfase no momento presente, numa recordação da Presença Divina, que é um romper com o tempo convencional e um alcançar o tempo mítico e absoluto de comunhão com o Divino. Voltarei a isto mais adiante, discutindo esta idéia de tempo a partir do conceito de Eliade.

5 O Coração Como Espelho e o Eu Como Obstáculo

É importante ressaltar que a observação, para um sufi, está relacionada a compreensão do eu como um obstáculo. Sanai,

poeta e mestre sufi, do século XII, publicado e lido pelo grupo, diz isto desta forma:

Enquanto te apegares a teu “eu”
vagarás de um lado para o outro,
dia e noite, por milhares de anos;
e quando, após todo este esforço,
finalmente abrires os olhos,
verás teu “eu”, através de seus defeitos inerentes,
vagando ao redor de si mesmo, como um boi no moinho;
mas, se, finalmente livre de teu “eu”,
te puseres a trabalhar,
esta porta se abrirá para ti em dois minutos.¹²

As diversas facetas do eu formam as camadas de ferrugem que tapam o espelho do coração. Estas camadas de ferrugem, devem ser retiradas através do polimento, ou seja, do trabalho interior do buscador, cuja meta é deixar o espelho limpo para refletir o Divino. O espelho é uma metáfora utilizada para falar do coração do sufi. O coração, o espelho, deve ser polido da ambição, do orgulho, da vaidade, do medo, do egoísmo, do auto-engano, da hipocrisia, para poder refletir o “Amado”. Este “polir o espelho” se desdobra nas várias etapas que o sufi ultrapassa no caminho. Um caminho que é árduo, pois o coração do buscador está coberto de camadas de ferrugem, que são os diversos obstáculos do ego. Uma vez retiradas essas camadas de ferrugem, o coração reflete, como um espelho limpo, o que, todo o tempo, estava aí, pronto para ser refletido: o brilho da luz divina.

E Rumi, poeta sufi do século XIII, fala ao buscador:

Sabes por que teu espelho não reflete?
Porque a ferrugem não foi retirada de sua face.
Fosse ele purificado de toda ferrugem e mácula,
Refletiria o brilho do Sol de Deus.¹³

Meu objetivo até aqui foi mostrar alguns temas encontrados no grupo estudado que, no meu entender, ajudam a per-

12 H. SANAI, *O jardim amuralhado da verdade*, p. 43.

13 RUMI, *Masnavi*, p. 19.

ceber qual a meta de um buscador ao filiar-se a um grupo deste tipo, e que em última análise diferencia um grupo esotérico de um grupo exotérico. Selecionei, do conjunto de temas que identifiquei ao estudar o grupo, alguns que servissem para pensar a questão proposta pela mesa.

Antes de concluir esta parte, vou me referir aos exercícios ou práticas de meditação/contemplação utilizadas pelo grupo, que também são uma característica marcante de uma escola mística.

Para falar desses estados me apoiarei numa distinção feita por um estudioso do assunto, Arthur Deikman. Ele classifica os relatos de experiências místicas em três:

(1) *Sensações não-treinadas*: relatos que se referem a fenômenos que ocorrem com pessoas que não praticam de modo sistemático a meditação ou outras técnicas que visem a aquisição de uma experiência religiosa. Esse estado místico relatado geralmente é precipitado por drogas ou natureza.

(2) *Sensações treinadas*: relatos que se referem a religiosos ocidentais ou orientais que buscam de forma deliberada, através de uma longa prática em concentração e renúncia (aqui entendida como uma atitude e não o ascetismo *per se*), a graça, a iluminação, a união. Segundo ele, este estado se assemelha fenomenologicamente ao primeiro, distanciando-se apenas por serem relatos mais associados a uma cosmologia religiosa específica.

(3) *Transcendência treinada*: relatos que se referem a um treinamento prolongado que leva a uma experiência transsensitiva. O místico é passivo e receptivo, os sentidos e as faculdades de pensamento são suspensas. O estágio de sensação caracterizado por uma experiência inferior de grande emoção e ideação evolui para uma experiência superior final que vai além do afeto ou da ideação.

Portanto, a partir dessa classificação de relatos de experiências místicas, o autor classifica os estados contemplativos em dois tipos:

- *Inferiores ou sensitivos*: quando os sentidos ou faculdades de pensamento são intensificados.

- *Superiores ou transcendentales*: quando os sentidos e faculdades de pensamento são suspensos.

A distinção mais importante parece ser, segundo o autor, aquela que existe entre uma experiência baseada no afeto, nas sensações e nas ideias habituais, e uma experiência que é considerada como transcendente a estas coisas.

Os membros do grupo sufi estudado falam que a experiência mística que buscam vai além da emoção e do intelecto. Nos livros se encontra dito que muitas das experiências descritas como místicas são essencialmente emocionais, e que é importante saber fazer esta distinção entre emocional e espiritual. Os estados contemplativos a que visam estariam na categoria de superiores ou transcendentales. Mencionam também que faz parte da transformação do indivíduo o surgimento de um órgão de percepção latente no ser humano comum. Muitos textos e histórias relatam experiências místicas referentes ao estado que têm como meta, a transcendência treinada, como, por exemplo, esta história encontrada em mais de um livro:

Sah Abdullah uma vez entrou num estado de agitação violento com manifestações físicas, durante uma reunião religiosa. Ibn Salim disse: O que é este estado?

Sahl respondeu: Não foi, como você imagina, o poder entrando em mim. Foi, ao contrário, devido a minha própria fraqueza. Outros presentes disseram: Se isto foi fraqueza, o que é o poder? "Poder," disse Sahl, "é quando algo como isto entra em você e a mente e o corpo não manifestam absolutamente nada."¹⁴

Aqui se poderia referir que os estados de sensações não-treinadas e treinadas se situam num nível mais presente e imediato de experiência, e que a transcendência treinada situa-se num nível mais futuro, mais demorado. Entretanto, pode-se afirmar que ambas experiências místicas se situam no âmbito da vida do sujeito místico, e não num plano futuro de vida após a morte ou numa expectativa futura ideal.

¹⁴ Apud DEIKMAN, Report on Mysticism, p. 201.

Outra característica interessante a ser mencionada é que uma das atividades secundárias da meditação é a desautoma-tização. A desautoma-tização resulta numa expansão de percepção do sujeito, ou seja, numa desautoma-tização das estruturas que organizam, limitam, selecionam e interpretam os estí-mulos perceptuais. Ao tirar o foco do que é percebido para aquele que percebe, permite que se percebam os limites da percepção individual do mundo externo. Para Deikman e outros autores,¹⁵ a meditação, junto com o desapego (ou renúncia, como dizem) são ferramentas básicas de uma escola mística.

O grupo estudado utiliza vários tipos de meditação. É um grupo em processo, os membros são praticantes de uma técnica cujo domínio é extremamente difícil. Para eles, apenas o mestre atingiu um estado superior, eles estão no caminho; se vão alcançar e quando vão alcançar a iluminação ou o auto-conhecimento pleno, não sabem responder, mas não colocam isto numa vida futura. A ênfase é ainda no presente, apostam na possibilidade de alcançar o estado que almejam em vida, e não após a morte. Aliás, a vida após a morte não é um tema do qual falem; também não encontrei textos sobre isto.

Afirmam, contudo, que algo que sentem que se transforma, e onde podem perceber resultados concretos, diz respeito à forma de perceber o mundo, à forma de estar no mundo. Muitos sugerem que o grupo ainda está em uma fase preparatória. Isto está de acordo com a visão de conjunto que têm do grupo, entendendo que muitos aspectos do sujeito têm que ser transformados antes que ele experimente um estado propriamente místico.

As práticas meditativas são exercícios que preparam o buscador; entretanto a própria realização delas já aproxima o buscador da sua meta, meta esta que pode ser alcançada a qualquer momento, no presente. Estas práticas são fundamentais no caminho esotérico. As diferentes escolas utilizam práticas diferentes, mas todas visando a mesma meta, uma expansão da consciência cotidiana do sujeito que lhe permita experienciar outra realidade.

15 Cf. tb. R. ORNSTEIN, *The Psychology of Consciousness*.



A escola sufi estudada e os caminhos esotéricos em geral têm assim uma ênfase no presente, mas isto não está relacionado com o fim do milênio, e sim com a própria natureza do fenômeno místico.

Conclusão

Foi pelas razões acima que comecei este trabalho diferenciando esotérico e exotérico. No meu entender, as escolas esotéricas, por causa do fenômeno com o qual lidam, têm uma ênfase no tempo presente, mas um presente de certa forma reconfigurado.

Mircea Eliade, ao falar do tempo para o homem religioso, diz que este conhece duas espécies de tempo: o profano e o sagrado. O profano é o tempo de duração temporal ordinária, de duração evanescente e o tempo sagrado é uma “seqüência de eternidades”.¹⁶

O tempo sagrado nada tem de histórico, o seu passado é mítico, é um tempo que permite ao homem e à mulher reencontrarem a presença do Ser Supremo, recuperar a unidade viva e articulada do Cosmo, mergulharem no não-tempo.

Este tempo sagrado é o tempo do místico. O místico é, ele também, um contemporâneo de Deus, da criação. As escolas esotéricas ou místicas, através do seu treinamento, levam os seus discípulos a buscarem este outro tempo, um tempo que rompe com linearidade, um tempo sempre presente.

Voltando para o foco central desta mesa, a marca do presente no final do milênio, gostaria de sugerir outra possível pista para se pensar esta questão, ainda dentro do marco do esoterismo e a partir de uma discussão sobre a atualidade da gnose feita por Harold Bloom e retomada por Otávio Velho.

Carvalho, em seu estudo “As características religiosas do fenômeno religioso na sociedade contemporânea”,¹⁷ havia já se referido à influência ampla que o esoterismo e as tradições

16 Aqui Eliade está se referindo a Mauss y Hubert em “La représentation du temps dans la religion et la magie”.

17 José J. de CARVALHO, Características do fenômeno religioso na sociedade contemporânea.

orientais tinham na modernidade. Ao falar sobre o movimento esotérico, diz: "(...) esse movimento esteve primariamente restrito à elite intelectual européia, porém mais tarde, através de várias mediações, influenciou uma parcela muito mais ampla de indivíduos e recolocou questões relevantes sobre a religiosidade na era moderna como um todo."¹⁸

Harold Bloom, em seu livro *Presságios do milênio*,¹⁹ faz uma leitura da gnose e como essa gnose se apresenta na atualidade. Segundo ele, há uma manifestação difusa da gnose no mundo contemporâneo, que desponta nas várias experiências religiosas, mesmo naquelas mais institucionais. Seria, como diz Velho,²⁰ quase como um "espírito de época". A gnose, na atualidade, deixa de ser uma experiência religiosa das elites ou de um grupo seletivo, para se massificar. Bloom relaciona fenômenos como a moda dos anjos e outros produtos esotéricos massificados, fabricados em série numa sociedade de consumo como a americana, os relatos de "quase morte", os mórmons, batistas, pentecostais, grupos Nova Era e orientaismos diversos, com uma tradição esotérica antiga e medieval.

Bloom diz que o gnosticismo se levantou sempre como um "protesto contra a fé apocalíptica", mesmo quando o fez de dentro de uma dessas fés. Para ele "a religião profética torna-se apocalíptica quando a profecia falha e a religião apocalíptica torna-se gnóstica quando o apocalipse falha". Continuando, afirma que o "gnosticismo não falha; não pode falhar, porque seu Deus está ao mesmo tempo no fundo do eu e também separado, infinitamente distante, além de nosso Cosmo".

O gnosticismo, mesmo que massificado, se manifesta de alguma forma na atualidade. Claro está que o perigo dessa diluição gnóstica na religiosidade atual traz seus riscos. Entre eles a utilização de um corpo de conhecimentos sem um referencial adequado. O uso, como que indiscriminado, pode baratear conceitos esotéricos, apresentando um caminho interior, esotérico, como algo fácil, de acesso irrestrito e gratificação instantânea.

¹⁸ *Ibid.*, p. 11.

¹⁹ Harold BLOOM, *Presságios do milênio*, 1996.

²⁰ Otávio VELHO, Ensaio herético sobre a atualidade da gnose.

Uma presença, que confirma esta influência da gnose na sociedade americana, é a do poeta sufi Rumi. Rumi, considerado por muitos estudiosos um dos maiores poetas místicos, viveu no século XIII na Anatólia. Seus ensinamentos dentro do sufismo são, não apenas, parte da escola Mevlevi, fundada por ele, mas de toda a tradição sufi. Rumi foi o poeta mais lido e vendido nos Estados Unidos no ano de 1999. Rumi tornou-se moda em Nova Iorque, influenciando até cantores *pop* como Madona.

Rumi falava do caminho do Amor, como a porta para o encontro do místico com Deus, para a unidade. Sua obra não se referia ao homem de seu tempo apenas, mas ao ser humano em termos de sua meta final, em relação com sua existência. De qualquer forma, seus ensinamentos fazem parte de uma escola esotérica, com o arrebatamento e a radicalidade que o misticismo testemunha. E diz Rumi:

Não cantei o *Masnavi* para que se o leve consigo, para que se o repita, mas para que se ponha esse livro sob seus pés e se voe com ele. O *Masnavi* é a escada da ascensão para a verdade.²¹

E esta ascensão ele explica no livro IV do *Masnavi*: “não é comparável à ascensão de um homem em direção à lua, mas à ascensão da cana-de-açúcar ao açúcar”. É uma via purgativa que visa restaurar no homem sua natureza original.

Rumi, na beleza dos seus versos, faz um apelo de transformação radical ao ser humano; se seus leitores atuais estão compreendendo ou simpatizando com sua mensagem ainda resta averiguar. Entretanto, sua forte presença no mercado literário ajuda a confirmar as afirmações de Bloom sobre a manifestação do esotérico na atualidade.

Quanto ao tema focalizado por nossa mesa, a minha sugestão é que esta ênfase no tempo presente, enquanto marca religiosa deste fim de milênio em que vivemos, se deve a uma expansão, a uma influência do esoterismo, que se deslocou e se espalhou, deixando de estar restrito a uma elite ou a grupos seletos e ocultos. Este esoterismo estaria presente não apenas em sua concepção gnóstica, mas também em suas ou-

21 Rumi apud E. V. MEYEROVITCH, *Rumi e o sufismo*, p. 119.

tras versões, sobrevivendo também ainda em grupos e comunidades específicas, como a que apresentei aqui.

O esoterismo, enquanto influência mais geral, está aparecendo por todos os lados, principalmente nos novos movimentos religiosos, oferecendo alternativas de como experimentar e viver o sagrado. O sagrado esotérico torna-se cada vez mais uma experiência possível para o ser humano comum. Um esoterismo que chega às portas das instituições exotéricas, das igrejas, e questiona suas formas intermediadas de lidar com o sagrado. Esta insistência na natureza pessoal da experiência religiosa tem sempre sido um desafio para as instituições religiosas organizadas. Raymond Firth, em seu estudo sobre o misticismo,²² afirmou que aí estava a importância real do místico para os estudos de antropologia e sociologia, a sua relevância social ao se contrapor aos controladores do corpo religioso organizado.

Esta transformação de uma gnose esotérica para exotérica seria, na verdade, como aponta Otávio Velho muito otimisticamente, uma virada, uma inversão da relação histórica estabelecida, permitindo um acesso universal à salvação.

Com certeza essa massificação de um conhecimento esotérico é um fenômeno novo, que ainda está no seu alvorecer. É um desafio que se nos apresenta como mais uma marca da religiosidade deste fim de milênio.

Referências Bibliográficas

- AL GHAZZALI. *A alquimia da felicidade*. Montevideo: Qyaa Livros Tradicionais, 1989.
- ATTAR, F. *El libro de los secretos*. Madrid: Alquitara, 1999.
- . *El Memorial de los santos*. Buenos Aires: Ed. Peregrino, c. 1985.
- BLOOM, Harold. *Presságios do milênio*. Rio de Janeiro: Objetiva, 1996.
- CARVALHO, José J. Características do fenômeno religioso na sociedade contemporânea. In: BINGEMER, Maria C. (Org.)

22 R. FIRTH, *An Anthropological View of Mysticism*.

- O impacto da modernidade sobre a religião.* São Paulo: Loyola, 1992.
- DEIKMAN, A. Report on Mysticism. In: *The World of the Sufi*. London: The Octagon Press, c. 1979.
- . Desautomatização e experiência mística. In: *Cartografia da consciência humana*. Petrópolis: Vozes, c. 1978.
- ELIADE, Mircea. *O sagrado e o profano*. São Paulo: Martins Fontes, 1990.
- FIRTH, R. An Anthropological View of Mysticism. In: *Essays on Social Organization and Values*. London: The Athlone Press, 1964.
- MEYEROVITCH, E. V. *Rumi e o sufismo*. São Paulo: ECE, 1990.
- OLIVEIRA, Vitória Peres de. *O caminho do silêncio: um estudo de um grupo sufi*. (Dissertação de Mestrado em Antropologia Social). Campinas: IFCH/UNICAMP, 1991.
- ORNSTEIN, R. *The Psychology of Consciousness*. London/New York: Penguin Books, 1972.
- . NARANJO, C. *On the Psychology of Meditation*. London/New York: Penguin Books, 1971.
- RUMI, J. *Masnavi*. Rio de Janeiro: Dervish, 1992.
- . *Poemas místicos: Divan de Shams de Tabriz*. São Paulo: Attar, 1996.
- SANAI, H. *O jardim amuralhado da verdade*. Rio de Janeiro: Dervish, 1985.
- SHAH, I. *Learning How to Learn: Psychology and Spirituality in the Sufi Way*. London: The Octagon Press, 1978.
- SUFISMO no Ocidente: preparação do buscador. Rio de Janeiro: Dervish, 1988.
- TEXTOS Sufis. Rio de Janeiro: Dervish, 1990.
- VELHO, Otávio. Ensaio herético sobre a atualidade da gnose, *Horizontes Antropológicos*, Porto Alegre, v. 4, n. 8, 1998, p. 34-52.

Vitória Peres de Oliveira
Rua Osório de Almeida 29/401
Urca, Rio de Janeiro-RJ
22291-000
vipe@openlink.com.br